

Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

### **Ontem e Hoje**

Na década de 1970, isto é, há pouco mais de 30 anos, nossas preocupações com o meio ambiente, e, por que não dizer, com o planeta Terra, estavam contidas em trabalhos como, por exemplo, de Konrad Lorenz (“Civilização e Pecado”, 1973) ou de Barbara Ward e René Dubos (“Uma Terra Somente”, 1973). Naquela década, ocorreu o **1º Encontro Nacional sobre a Proteção e Melhoria do Meio Ambiente**, em Brasília- DF. As discussões voltavam-se para as águas residuárias das usinas de açúcar e destilarias de álcool, para a poluição hídrica de São Paulo, para as inversões térmicas da capital paulista, para a poluição sonora, para o despejo de esgotos domésticos e a carga poluidora industrial nos rios paranaenses e gaúchos.

Aliás, uma boa referência sobre os problemas ambientais da época pode ser encontrada no excelente livro (pouco lido) do professor Luiz Roberto Tommasi, do Instituto Oceanográfico da USP, “A Degradação do Meio Ambiente”, de 1977.

Para nós, geógrafos recém-formados, naquela década de 1970, na USP, os problemas globais apresentavam-se ainda distantes, embora já apontassem numa direção crescente e preocupante.

É Dubos, no livro acima citado (p.269), que diz: “*O primeiro passo para a concepção de uma estratégia para o planeta Terra consiste em convencer as nações a aceitarem uma responsabilidade coletiva de descobrir mais – muito mais – sobre o sistema natural e como as atividades humanas o afetam e vice versa.*”

Entretanto, no decorrer desses trinta e poucos anos, os problemas ambientais globais dominaram, cada vez mais, nossas preocupações. A escala dos processos de degradação, hoje, não se restringe mais a uma região específica, mas sim ao planeta como um todo. Nesse meio tempo, as tentativas de cooperação mundial, com relação ao ambiente, ou naufragaram ou andaram de modo lento. As várias reuniões de âmbito mundial, passando por diversos protocolos, como o de Montreal (1987), o de Kyoto (1997) e os vários relatórios do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas, da ONU (1988, 1995, 2001), nos dão a impressão de que os governos mais poderosos da Terra ainda estão surdos e cegos aos apelos dos cientistas.

Lorenz, no livro anteriormente citado (p.34), há trinta anos já denunciava que: *“O homem civilizado que com um vandalismo cego devasta a natureza viva que o rodeia e da qual ele retira sua subsistência atrai sobre si mesmo a ameaça de uma destruição ecológica. Talvez, quando as conseqüências econômicas desse vandalismo se fizerem sentir, o homem venha a reconhecer seu erro, mas resta o perigo de que seja tarde demais.”*

Na atualidade, os alertas vêm se multiplicando e a natureza vem demonstrando, de modo absolutamente incontestável, uma mudança ambiental rápida e ainda imponderável para a humanidade. Os apelos de um James Lovelock (*“A Vingança de Gaia”*, 2006) e de tantos outros, como Elisabeth Kolbert (*“Planeta Terra em Perigo”*, 2008), são alguns exemplos que lembramos para ilustrar nossas recentes preocupações com relação ao meio ambiente.

De longo tempo, encontramos as ponderações de um renomado geógrafo, o professor Aziz Ab'Saber, em particular sobre o desmatamento da Amazônia e suas conseqüências para o clima no Brasil. Nossas andanças recentes (ago,2008) pela Amazônia Ocidental (Tocantins/sul do Pará/Maranhão), nos deram a dimensão da devastação em curso, naquela porção do território brasileiro. A floresta simplesmente desapareceu, dando lugar ao pasto e às capoeiras. A diminuição do período das chuvas já influi no débito hídrico e no aumento médio da temperatura. Não há necessidade de medidores sofisticados. O desconforto térmico é perfeitamente sentido pelo

corpo humano. Os habitantes mais antigos são capazes de fazer as devidas comparações, de quando ainda existia floresta e hoje, com o domínio das pastagens.

Urge, pois, a necessidade de aumentar o número de vozes e meios para alertar, não somente os governantes, os políticos ou os donos do capital, mas todos em geral. Do homem que detém o conhecimento ou o poder, ao homem comum. Afinal, somos todos responsáveis frente aos desafios que vêm por aí.

Nesse sentido, a revista eletrônica CLIMEP torna-se um importante meio de difusão dos problemas ambientais. Nesse número, em particular, os oito artigos selecionados encaixam-se nesse esforço, do estudo da paisagem e do clima, para uma melhor apreciação dos interessados em fazer algo em benefício do maior conhecimento do nosso planeta e assim encontrar melhores respostas aos desafios impostos pela realidade.

